

Mário Beni, o Engenheiro que Decolou no Turismo

Juarez Velozo¹

Resumo

Aclamado pelo mundo acadêmico do Turismo, Mário Carlos Beni é autor do livro mais utilizado nos programas de graduação em Turismo no país, *Análise Estrutural do Turismo*, e é o convidado para a reestrea da seção de entrevistas da *Revista Turismo em Análise*. Membro do Conselho Nacional do Turismo e pesquisador premiado mundialmente relata, nesta conversa exclusiva, sua trajetória até chegar ao Turismo, passando pela arquitetura, pelo urbanismo e pela política. Também apresenta sua opinião sobre temas variados, como a chegada da inteligência artificial, o pós-doutoramento, o ego e as traições na academia. Apaixonado por novos conhecimentos e gastrônomo nas horas vagas, o professor, referência na área, revive sua carreira e dialoga com pesquisadores contemporâneos e vindouros. Esta entrevista ocorreu no formato online, no dia 25 de março de 2023, e teve a duração de uma hora. Seu conteúdo foi transcrito na integralidade. Serve para eternizar uma história pessoal que se confunde com a trajetória do ensino superior e a pós-graduação em Turismo no Brasil.

Palavras-chave: Carreira acadêmica; Entrevista; Turismo; Ensino superior; Pós-graduação.

Abstract

Mário Beni, the Engineer who Made it Big in Tourism

Acclaimed by the academic world of tourism, Mário Carlos Beni authored the most widely used book in undergraduate tourism programs in the country, *Análise Estrutural do Turismo*, and is the guest for the relaunch of the interview section of *Revista Turismo em Análise*. A member of the National Tourism Council of Brazil and a world-renowned researcher, in this exclusive conversation he tells us about his career in tourism, including architecture, urbanism, and politics. He also gives his opinion on various topics such as the arrival of artificial intelligence, post-doctoral studies, ego, and betrayals in academia. Passionate about new knowledge and a gastronome in his spare time, the leading professor in the field looks back on his career and talks to contemporary and future researchers. This remote interview took place on March 25, 2023 and lasted an hour, and its content were transcribed in their entirety. It serves to eternalize a personal story that is intertwined with the trajectory of higher education and postgraduate studies in Tourism in Brazil.

Keywords: Academic career; Interview; Tourism; Higher education; Postgraduate studies.

Resumen

Mário Beni, el Ingeniero que Despuntó en Turismo

Reconocido por el mundo académico del turismo Mário Carlos Beni es autor del libro más utilizado en los programas de licenciatura de turismo en Brasil, *Análise Estrutural do Turismo*, y es el invitado para el relanzamiento de la sección de entrevistas de la *Revista Turismo em Análise*. Miembro del Consejo Nacional de Turismo de Brasil e investigador

1. Mestrando em Turismo pela Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: juarez.velozo@hotmail.com

de renome mundial, em esta conversação exclusiva nos fala de sua trajetória em el turismo, pasando por la arquitectura, el urbanismo y la política. También opina sobre diversos temas, como la llegada de la inteligencia artificial, los estudios posdoctorales, el ego y las traiciones en la academia. Apasionado de los nuevos conocimientos y gastrónomo en su tiempo libre, el catedrático repasa su carrera y dialoga con los investigadores contemporáneos y futuros. Esta entrevista tuvo lugar a distancia el 25 de marzo de 2023, con una hora de duración, y su contenido se ha transcrito íntegramente. En este medio se eternizará una historia personal que se entrelaza con la trayectoria de la enseñanza superior y de posgrado en Turismo en Brasil.

Palabras clave: Carrera académica; Entrevista; Turismo; Enseñanza superior; Posgrado.

Figura 1 – Mário Beni durante a entrevista.



Fonte: Captura de tela, arquivo pessoal do autor (2023)

Juarez Vellozo: Sua carreira iniciou na arquitetura em 1961, é engenheiro, advogado e mesmo de fora da área agregou muito para o Turismo. Como foi este início?

Mário Beni: A minha formação em engenharia e direito me ajudou muito na minha carreira de docente.

Na verdade, eu não tinha intenções e nem imaginava vir a ser um professor na área de turismo. Eu me formei em engenharia civil e em seguida fui nomeado chefe de gabinete da então Secretaria de Estado de Viação em Obras Públicas, do estado de São Paulo.

Lá eu tive contato com o professor Lauro Bastos Birkholz e o professor Nestor², quem eu já conhecia, porque ele tinha um escritório de arquitetura no prédio onde

2. Nestor Goulart Reis Filho, professor, recebeu o título de professor emérito da FAU-USP em 2022. <https://www.fau.usp.br/eventos/cerimonia-de-outorga-do-titulo-de-professor-emerito-a-nestor-goulart-reis-filho/>.

meu pai tinha um banco, do qual era o presidente, cargo que abriu mão para assumir vários postos políticos, cargos políticos: Secretário da Fazenda, Ministro etc.

Estes professores que era da FAU³ despertaram meu interesse no planejamento regional e no desenvolvimento sustentável. Eu fiquei muito encantado e na época havia o SERFAU⁴, [...] eles acabaram me levando para a FAU como auxiliar de ensino (eu comecei a trabalhar, na verdade, no escritório do Nestor) e participei de vários projetos de planejamento regional e desenvolvimento sustentável, em razão dos contratos entre a FAU e o SERFAU, que era uma autarquia federal que atuava com esse objetivo de planejamento regional e desenvolvimento sustentável naquela época. Então, assim começou o meu interesse. Só que a USP⁵, naquela época, não fazia concurso por unidade. A reitoria abria um concurso de acordo com as vagas que iam surgindo.

E eu, com muita pressa em ingressar na carreira docente da USP, o primeiro que apareceu foi uma disciplina que achei interessante no curso de Relações Públicas e no curso de Jornalismo. A disciplina era oferecida na Escola de Comunicações e Artes, nos dois cursos: [...] Turismo e Desenvolvimento.

Então, achei interessante, pelo menos eu ingressaria numa área que eu poderia desenvolver, era [uma área] nova.

Eu prestei o concurso, éramos em cinco candidatos e eu fui aprovado. Sem deixar a FAU, comecei a trabalhar na ECA⁶-USP, dando essa disciplina. Foi quando os jornais, principalmente o Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo, que foram pioneiros, abriram um suplemento de turismo e, em razão disso, tanto o curso de Jornalismo como o de Relações Públicas resolveram implantar essa disciplina.

Em uma das minhas viagens, eu conheci um professor espanhol, que mais tarde eu trouxe [ao Brasil], que tinha o único livro já estruturado e com esse livro, passei a desenvolver o programa da disciplina e trabalhar essa disciplina na ECA. [...] Por volta de 1972, eu já dava aula, na época havia só a Faculdade de Turismo do Morumbi [atual Universidade Anhembi-Morumbi], com o primeiro curso de turismo do Brasil.

Coincidentemente, um dos três sócios desta faculdade, o professor Gabriel Rodrigues⁷, era arquiteto do DOP⁸, [...] onde eu era chefe de gabinete [deste departamento]. Conversando com o Gabriel, ele estava ainda com o projeto dessa faculdade e eu o

3. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

4. Serviço Federal de Habitação e Urbanismo que foi criado através da Lei nº 4.380, em 21 de agosto de 1964, sendo o primeiro Órgão Federal direcionado ao planejamento urbano no Brasil. Disponível em <https://legis.senado.leg.br/norma/546230/publicacao/15763228>.

5. Universidade de São Paulo.

6. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

7. Gabriel Mario Rodrigues, um dos fundadores do primeiro curso de turismo do Brasil em 1971, graduado em arquitetura e urbanismo pelo Mackenzie. Disponível em <https://academiaeventosturismo.org.br/merito/gabriel-rodrigues/>.

8. Departamento de Obras e Serviços Públicos do Estado de São Paulo.

ajudei a trabalhar nessa linha. E fui o primeiro professor aprovado pelo MEC⁹ para reger as disciplinas Teoria e Técnica de Turismo; e Planejamento e Organização do Turismo, quando a Faculdade de Turismo do Morumbi foi aprovada eu comecei a dar aulas, e em seguida, veio a USP, nessa história que já relatei [...].

Encorajado pelos colegas e mais pelo chefe do departamento dos cursos que lecionava na USP, na época, professor Modesto Farina que me incentivou muito a criar um curso de turismo na Escola de Comunicações e Artes.

Já havia algumas tentativas da FAU [e também] da própria FEA¹⁰, em criar esse curso. Então, acabei desenvolvendo um projeto pedagógico, o conteúdo programático com todas as disciplinas. Foi um dos primeiros cursos que trabalhou a questão da inter e da transdisciplinaridade.

Então eu aproveitei professores titulares [...] foi por isso que eu consegui aprovar, porque as pessoas não acreditavam no curso de turismo na Universidade de São Paulo. Então eu tive o cuidado de colocar em cada disciplina professores titulares de outras unidades da USP.

Não preciso dizer que na congregação da ECA [...] foi aprovado por unanimidade. [Seguiu] para o colégio universitário, e quando eles souberam que os responsáveis pelas disciplinas propostas na estrutura curricular eram todos professores doutores das diferentes universidades, eles acharam muito interessante essa multidisciplinaridade, inter e transdisciplinaridade: e foi assim que nasceu o curso de turismo na ECA-USP.

Juarez Vellozo: Então é possível que pessoas de fora da área colaborem com o setor? Temos uma discussão hoje sobre pessoas técnicas ocuparem as posições.

Mário Beni: Exatamente, sem dúvida nenhuma. Os professores convidados, se entusiasmarão. O professor de Geografia, por exemplo, realmente começou a trabalhar o espaço na visão do turismo. O professor de História começou a trabalhar todo o conteúdo cultural e acharam um grande desafio. E o curso teve professores excelentes, e tem até hoje.

Formou a sua primeira turma [...], quando eram dois anos comuns a todos os cursos [da ECA] e a partir do terceiro ano, os alunos já se especializavam [em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Turismo etc.]. A primeira aluna e única a se formar turismóloga na primeira turma foi a professora Miriam Rejowski¹¹, que fundou comigo e demais docentes da época uma revista, que é a Turismo em Análise. Ela ficou encarregada de trabalhar na criação e edição da revista.

9. Ministério da Educação .

10. Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

11. Livre Docente em Turismo pela Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Membro Fundador da Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo - ABBTUR-SP e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo - ANPTUR. Editora da Revista Turismo em Análise (1990-2007). <http://lattes.cnpq.br/8468269699377558>.

Juarez Velozo: [Beni completou 86 anos em 2024] Você completando mais um aniversário, com uma vasta experiência e longa trajetória, mas o que o currículo não diz sobre Mário Beni?

Beni: Eu acho que o meu currículo não conta de um hobby que eu tenho. E de hobby se transformou numa grande paixão e numa grande qualificação, que é a gastronomia.

Mas eu sabia gastronomia muito antes de mexer com turismo, de trabalhar com turismo. Eu aprendi com a minha avó fazer arroz, os diferentes tipos de massa.

Com a minha mãe eu me aperfeiçoei. E a gastronomia hoje é o meu grande hobby. Quando eu resolvo ir para a cozinha, sempre sai alguma coisa, eu busco sempre criar. Os meus pratos são muito criativos, busco trabalhar com diferentes ingredientes, principalmente de ervas, de sabores [...], mais voltada à cozinha italiana, à gastronomia italiana.

Das várias regiões da Itália que eu tive a sorte, a virtude [...] de conhecer a fundo, de percorrer uma a uma e ir em busca de sabores. Eu chamava essas experiências de viagem do sabor, para tentar assimilar tudo que integra os pratos, e isso eu aprendi com a minha mãe, uma coisa difícil.

E ganhei muitas apostas com isso, muitos jantares. Eu me lembro que estava em uma viagem e tinha um chefe famoso e ele apresentou uma massa e disse que ele não cobraria nem o jantar, nem o vinho, se eu descobrisse o que compunha aquela pasta. E eu descobri.

Em razão dessa sensibilidade do paladar em identificar os ingredientes, [...] e foi a minha mãe que me ensinou decompor no paladar cada ingrediente que vai naquele prato.

Juarez Velozo: O senhor esteve na política, como foi essa passagem? Seu pai também esteve, ele o inspirou?

Beni: [...] Em 1966 foi quando se reelegeu pela terceira vez o governador Ademar de Barros, de quem meu pai era um grande amigo e companheiro político. Meu pai foi para a Secretaria da Fazenda e fui chefiar o gabinete da Secretaria de Ação e Obras Públicas. Eu era muito jovem.

Passei por um período antes no Palácio [do Governo], como subchefe da Casa Civil, do governador, então comecei a transitar em duas áreas, uma acadêmica, que era aquela que, de início, sempre despertou o meu interesse; e numa área pública, de política pública, em que também tinha uma atração muito grande, em razão da história de vida do meu pai.

Então, aquela ambiência de participação no governo começou, de certa forma, a me interessar, a me atrair. Meu pai com sua carreira política teve nove mandatos consecutivos no Congresso [Nacional], e eu ajudando nos vários mandatos que teve, acabei me envolvendo muito com a política.

E a política me trouxe muitos prazeres e muitos aborrecimentos. Eu tive um mandato de deputado estadual em 1966 até 1970. Então, empolgado, tentei renovar esse mandato e já não consegui. Fiquei muito isolado.

Juarez Vellozo: O senhor ficou aborrecido nessa época por que não se reelegeu, mas acha que conseguiria na política, ter feito tanto pelo Turismo como fez fora dela?

Beni: Eu fiz muito na política. Na minha região [...] comum do meu pai, colégio eleitoral dele. Quando eu estava na Secretaria de Obras [...] eu revolucionei a região, pavimentei estradas, enfim, eu era um afilhado do governador, foi meu padrinho de batismo, então, tudo que eu levava, ele aprovava sem problema. Então, ajudei muito e tive uma grande decepção: achei que os benefícios levados a esse colégio eleitoral bastariam para que eu me reelegesse. E não foi verdade.

Ali começou uma nova fase da política que, infelizmente, era a fase de [...], em que cada vereador queria um Fusca naquela época, queria não sei quanto por mês, e eu não tinha recursos para isso. Meu pai já vinha de um outro viés da política. Ele já tinha um colégio consolidado, mas assim mesmo, quando entrou essa época, ele perdeu muito dos negócios que tinha e atividades fora da política, como banco, fazenda, indústria, onde ele tinha atividade, porque [...] quem não tinha recursos - e naquela época não tinha o fundo partidário -, cada um tinha que tirar do bolso as despesas.

E aí foi a minha primeira derrota, 1970. Na reeleição [...] fiquei como primeiro suplente, mas não assumi mais, não quis assumir, tanto é que, quem estava em segundo suplente, é que assumiu. Eu estava no Japão quando ele assumiu.

Fiquei tão desgostoso. Concorri e ganhei uma bolsa de estudos [...] fomos apenas dois da América do Sul que receberam essa bolsa da JICA - Japan International Corporation Agency. E fui exatamente para trabalhar com planejamento regional de desenvolvimento sustentável, na Universidade de Tóquio.

Então, fiquei de 70 a 71 na Universidade de Tóquio. Foi quando tive a grande oportunidade de conhecer todo o sudeste Asiático, aproveitava sábado e domingo (naquela época as passagens aéreas eram muito baratas) eu fui com a bolsa, mais o meu salário de funcionário público e o [salário] da USP.

Juarez Vellozo: E pensando na questão das viagens, o senhor conheceu mais de 130 países e adora estar no litoral paulista, mas para onde o senhor não foi e gostaria de ir?

Beni: Olha, eu estava falando agora com a Geslayne¹², eu não conheço o Polo Sul nem o Polo Norte. [...] Eu não gosto de frio, não gosto de neve... Então, os dois polos não me atraíram. Deixei de conhecer a Islândia e a Groenlândia.

12. Secretária e assistente do Prof. Mário Beni.

O mais importante não é conhecer os 136 países, é conhecer também “cada” um dos países e aí eu chego a algo em torno de 700 destinos. A Itália, por exemplo, não tem nenhum lugar da Itália que não tenha ido. [...]

Juarez Velozo: O senhor tem sua esposa, tem a Cris (sua filha), o seu filho Carlos já faleceu, tem duas netas e um neto... Como equilibrar e se manter presente na rotina da família?

Beni: É, foi um período difícil. Quando eu estava na ativa, viajava muito, eles me viam muito pouco, porque era difícil... Viajava [...] quase o ano todo. Então, eu ficava bastante afastado da família, depois menos.

Perdi meu filho muito cedo, ele tinha 30 e poucos anos, que era o meu braço direito na questão do escritório de planejamento e desenvolvimento de atividades vinculadas ao turismo.

Realmente me abstive de toda atividade política a partir da derrota de 1970, mas aí tive uma recaída em 1986. Resolvi disputar a constituinte.

Eu havia organizado um partido junto com o filho do Ademar, o Ademarzinho¹³ (que era deputado federal), e por esse partido eu disputei a constituinte e fiquei o primeiro suplente. Ele se elegeu e eu fiquei suplente dele, novamente primeiro suplente. Cheguei a assumir, ele me deu, se afastou por oito meses, eu fiquei no Congresso, mas não assinei a constituinte, porque realmente o mandato era dele, ele era o titular [e retornou].

Veja que não era para eu ser político, e foi bom, porque a política não me teria destacado tanto como a área acadêmica me destacou.

Juarez Velozo: Pensando nesse contexto, você se destacou muito na área acadêmica. Chegou a ser cotado para o cargo de ministro do Turismo?

Beni: Essa é uma história... Eu era filiado e sou ainda, até hoje, ao PMDB¹⁴. Na época, era MDB, e agora voltou a ser MDB. E também muito ligado ao Quércio¹⁵, [em seu governo] fui presidente do Badesp - Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo¹⁶, e, na época do Fleury¹⁷, fui vice-presidente do Banespa¹⁸.

E ligado também ao Temer. O Temer foi meu colega, ainda que por oito meses, nós ficamos juntos na Constituinte [...], fomos colegas [...] e lá estreitamos as

13. Ademar de Barros Filho, recebeu 51082 votos, então filiado ao PDT.

14. Partido do Movimento Democrático Brasileiro, volta a usar a sigla sem a apalavra “Partido”, passando a ser MDB como em sua fundação.

15. Orestes Quércio, ex-governador de São Paulo e político que ocupou diversos cargos, falecido em 2010.

16. Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo S/A. – BADESP, instituído pela decreto-lei 228 de 17 de abril de 1970.

17. Luiz Antônio Fleury Filho, político e ex-governador do estado de São Paulo.

18. Banco do Estado de São Paulo, vendido ao Santander em 2000.

nossas relações. [...] Ele era o presidente do partido e assumiu a presidência da República [em 31 de agosto de 2016].

Ele me convidou primeiramente para a presidência da Embratur. Eu enviei toda a documentação necessária [...]. Mas, para minha surpresa, um companheiro, ex-presidente da República, temendo que na época o Deputado Federal do Maranhão disputasse a prefeitura, pediu [o cargo] à presidente Dilma e ela o colocou na presidência da Embratur. [...] Esses esquemas políticos às vezes nos derrubam na mesma legenda.

Este cidadão é hoje o ministro da Justiça¹⁹, do governo. E não foi a pedido dele [Flávio Dino], foi uma jogada de um companheiro meu, ex-presidente [da República] José Sarney. Então, tem essas coisas, não é? Puxar tapete em política.

Aí surgiu uma segunda oportunidade, e essa realmente ocorreu, de ocupar o Ministério do Turismo. Mas eu teria que manter uma pessoa, que era “ordenadora de despesas”, e eu não podia manter. Era de um colega, companheiro de partido, também do mesmo estado, e eu não queria manter. Também havia um compromisso do presidente Temer, de não deslocar esta pessoa, porque era indicada do presidente do Senado. Então, eu o deixei à vontade e preferi não aceitar.

Juarez Vellozo: Professor, é muito fácil olhar uma trajetória tão rica como a sua, agora com ela percorrida: mestre, doutor, livre docente e titular. Mas nos momentos de adversidade - e foram muitos -, no que o senhor se agarrava para seguir no seu propósito?

Beni: Eu transitava durante muito tempo entre a militância política e a atividade docente. E chegou um determinado momento em que a atividade docente superou todas as demais inclinações e entusiasmos que eu eventualmente mantinha nas relações políticas.

Quando recebi um título (que talvez tenha sido o mais significativo da minha vida acadêmica), em 2004, [...] o *Tourism Award* [da entidade Anforht]. Associação Mundial de Formação em Turismo e Hotelaria [...] considerada a maior associação mundial de formação em turismo, que agrega praticamente o maior número de universidades que participam dela.

Juarez Vellozo: Como que o Mário Beni lida com o prestígio e o reconhecimento nos corredores da universidade?

Beni: Eu sempre tive muito orgulho desse prestígio, desse reconhecimento. Eu procurava sempre atender desde o aluno do primeiro ano até o doutorando. Nunca me recusei a dar atenção, e o fazia com muita dedicação e prazer. Isso foi uma característica que talvez tenha me vinculado mais ao corpo docente. Eu sempre respondia e-mails (antes cartas), enfim, eu estava sempre presente.

19. Durante a entrevista, o Ministro da Justiça era o maranhense Flávio Dino.

As minhas aulas eram colóquios, às vezes. Um colóquio muito intimista no sentido de buscar a fundo as aspirações e as metas, esclarecendo efetivamente, buscando o centro ou a motivação principal.

Turismo é um fenômeno transdisciplinar, as pessoas às vezes se perdem num mundo de tantas perspectivas profissionais e eu procurava sempre, através da Teoria dos Sistemas, mostrar essa diversidade. E eles [alunos] acabavam buscando realmente, se localizando, usando a teoria. Agora, o que realmente me consagrou - e eu não posso deixar de citar isso -, foi o livro “Análise Estrutural do Turismo”, que eu levei alguns anos a fazê-lo, pesquisando, que dá uma visão e avança. Muitos dos meus pós-tumos vão buscar avançar com esse Sistema [o SISTUR].

Ele já não é o mesmo do início, hoje tem o seu modelo hologramático e, evidentemente, falta ainda o modelo matemático, que eu estou procurando ainda deixar alguma contribuição nessa linha: do modelo matemático ou do modelo hologramático, ou do modelo do SISTUR.

Isso realmente ajudou muito, porque, no começo Velozo, o que eu mais sentia é que os cursos, cada um chegava e dava a sua geografia, falava de geografia ou de história, mas eles não faziam o principal, que era fazer a conexão de todas essas disciplinas dentro de um conjunto que consolidasse a visão do Turismo como um todo.

Juarez Velozo: E durante a trajetória de qualquer profissional, nós, invariavelmente, estamos expostos a críticas. E o senhor recebe, por uma pequena parte da academia, críticas ao seu trabalho. Como o senhor lida com essas críticas?

Beni: Bom, acho importantes as críticas, porque elas, evidentemente, contribuem para um aperfeiçoamento, para uma busca. Acho que o modelo do SISTUR eu nunca recebi uma crítica, na verdade. Do SISTUR como um modelo de visão holística do turismo.

É inegável que o SISTUR reduz de tal forma a oferta, demanda, o mercado, as áreas que realmente são responsáveis pelo produto turístico (como o ambiente, a economia, a cultura e a governança), consegue dar ao aluno uma visão estruturada e, ao mesmo tempo, holística de tudo o que efetivamente ocorre. É inter e transdisciplinar. É difícil. A própria USP levou muito tempo para aceitar a teoria da transdisciplinaridade.

Era muito difícil a gente trabalhar, eu desde o começo venho trabalhando, e hoje não conheço universidade que não trabalhe com a transdisciplinaridade, com a interdisciplinaridade e com a visão holística. Ainda mais agora com as plataformas que surgiram, se você não tiver essa visão holística, você não chega em lugar nenhum...

Juarez Velozo: E da posição de alguém que construiu muito, que colaborou muito e ainda colabora, como o senhor enxerga uma certa disputa entre egos dentro da academia?

Beni: Bom, isso sempre existiu. Em qualquer área acadêmica sempre há uma disputa de egos e sempre haverá. As pessoas disputam, às vezes, de uma forma tão violenta que acabam rompendo amizade, sendo prejudicada por uma ou outra pessoa.

Realmente, a disputa de ego na universidade é uma constante. As pessoas querem superar-se e superar os concorrentes. Na corrida da superação de conteúdo, de artigos, de produções e, acima de tudo, da popularidade junto aos alunos.

Às vezes, conheço colegas que são brilhantes, naquilo que elegeram como especialidade acadêmica, mas que têm uma certa dificuldade em expressar na aula [...] esse seu conhecimento, que chamo de sistêmico e holístico, e o aluno não consegue captar exatamente em função dessa dificuldade de expressão do professor. Não é que ele não saiba, é a expressão. Há muitos casos em que o professor tem dificuldade de se expressar, tem dificuldade de buscar um tom de voz afirmativo, convicto, e hoje está cada vez mais difícil.

Os desafios hoje são muito maiores do que no meu tempo, [quando] não tinham Google, não tinham nada disso. Hoje você tem plataformas que te dão o trabalho pronto, com bibliografia citada, claro que chuta muito.

Juarez Velozo: Existe uma máxima na academia que diz que o mestrado e o doutorado são uma trajetória solitária. Mas quando eu olho para a trajetória de pessoas de renome como o senhor, vejo que fez grandes amigos na academia. Você concorda com essa máxima?

Beni: De um certo ponto, eu concordo com isso. Eu vejo o mestrado e o doutorado como uma disputa mais acirrada entre o corpo docente e o corpo discente. As coisas ficam mais aquecidas... mais aguerridas, começam a separar, começam a surgir grupos de docentes e de alunos. Então, é uma outra dimensão de discernimento. [...] Sentia efetivamente que dar uma aula num mestrado ou num doutorado é extremamente diferente do que você dar aula na graduação. Os próprios alunos se respeitam mais e competem entre si com mais garra, com mais frequência, com mais aptidão para uma área e outra. E aí começa a surgir a configuração daquilo que será sua dissertação de mestrado, ou a sua tese de doutorado.

Nesta parte da entrevista apareceram muitas ideias e lembranças então decidi destacar as mais interessantes:

Livre docência e pós-doutoramento

Beni: O que eu nunca aconselhei aos meus alunos é fazer pós-doc. Não é título, é apenas uma extensão, não confere nenhum título. Claro que nas universidades que não têm livre docência, e a Universidade Federal, por exemplo, não tem livre docência [...] eles estão pensando já há alguns anos em implantar o modelo da USP, mas ainda não chegaram a isso. [...] Eu acho a livre docência muito importante, porque realmente a titularidade, sem a livre docência, é muito difícil.

A livre docência apura, é como você trabalhar um diamante, ele vai formatando aquilo que chega a um estado final realmente destacado.

O olhar sobre a interdisciplinaridade

Beni: É uma história muito diversificada. Eu sempre gostei de atuar em diferentes áreas, acho que nasci com uma vocação transdisciplinar. Eu me encantava muito com todas as áreas [...] se pudesse fazer diferentes cursos [faria], e isso eu trouxe um pouco de parentes meus, na Itália, que começavam já a trabalhar a questão da transdisciplinaridade.

Eu tinha uma prima que era professora da Universidade de Firenze, de História, e que também gostava muito desse trabalho transversal das disciplinas. Depois o irmão dela também foi para os Estados Unidos e se tornou professor da Universidade da Califórnia, também com essa visão, e nós trocávamos muitas ideias sobre isso, e realmente isso me empolgou.

Dia-a-dia em sala

Beni: [...] Eu tinha muita facilidade de expressão, de comunicação. Eu sempre falei muito alto, as pessoas me chamam a atenção, às vezes “fala mais baixo”, mas eu estou em sala de aula ainda.

Na ECA, a sala tinha duas portas que ficavam abertas, uma porta que você entrava e a outra que estava aberta para ventilar. E eu sempre falo andando, só que às vezes eu esquecia (e eu fumava na época). Então, eu saía, eu estava expondo um tema, os alunos riam muito, porque eu não parava de falar, só que eu saía numa porta, entrava na outra e ficava falando...

Eu fazia o SISTUR com giz. Eu desenhava na lousa, dava um trabalho, porque ele é todo detalhado. Mas eu fazia, eu vinha 20 minutos antes da aula eu estava fazendo o desenho lá. E depois apagava e tinha que fazer outra vez [risos].

Inteligência Artificial Generativa

Beni: [...] Eu vivo aprendendo, vivo buscando me aperfeiçoar, eu escrevo um texto por dia, busco, de alguma forma, me expressar, me manter atualizado. Estamos agora discutindo essa nova plataforma que revolucionou fundamentalmente a área da pós-graduação [inteligências artificiais].

A primeira que saiu não citava, agora a segunda, já te dá a fonte, como é que você vai não aceitar uma tese feita pela plataforma que cita o autor, cita tudo? É complicado demais.

Acredito que há universidades que vão fazer exame oral; [...] as aulas e as provas orais, porque é difícil. Como é que você vai avaliar uma tese que foi feita pelo computador e que dá, efetivamente, todas as fontes e autores citados. É complicadíssimo.

É claro que, na defesa é que a coisa vai pegar. Uma coisa é você apresentar a dissertação de mestrado ou a tese de doutorado. [...] Você usou uma plataforma qualquer, agora, você tem uma banca e as perguntas são da banca.

Se você não conhecer parágrafo por parágrafo daquilo que foi escrito e não souber explicar aquilo que foi perguntado, você se entrega. A arguição do doutorado é que vai realmente revelar o nível de conhecimento do doutorado ou do mestrado; que vai revelar o grau da defesa daquilo que ele se propôs a estudar, pesquisar e apresentar como uma tese rigorosamente qualificada.

Juarez Vellozo: Professor, a literatura traz a questão da gratidão e da dívida da gratidão. A quem o senhor é grato durante esses anos de trajetória?

Beni: Eu tenho exemplos que reafirmam isso que você coloca. Por outro lado, por incrível que pareça, Juarez, eu tenho raros casos em que houve uma revolta e as pessoas querem ultrapassar a fama [dele, Beni], o destaque, buscando de qualquer maneira competir.

Então, acho que você competir quando chega a um reconhecimento público é absolutamente desnecessário, porque você já chegou. Agora, você competir para chegar, perfeito. Agora, há pessoas – e isso, infelizmente existe – que querem desqualificar [o trabalho de alguém] para se impor como uma nova opção e uma nova linha de pensamento. E isso acho realmente uma coisa triste.

Juarez Vellozo: Pensando nos entrantes, nos calouros da pós-graduação, o senhor acompanhou bastante, teve muitas turmas. Pensando nestes calouros, o que acredita que falte para essas pessoas?

Beni: A pós-graduação é uma etapa que exige uma maturidade definida, consolidada, exige uma humildade, que às vezes a pessoa reluta em assumir e ter essa humildade. Acho que, em qualquer fase da vida, a humildade é necessária. Você sabe muito, mas não sabe tudo.

Juarez Vellozo: Professor, é inerente ao ser humano a auto avaliação. Quando o senhor olha para trás e observa a sua carreira, qual é o legado que o Mário Beni deseja deixar?

Beni: Bom, no que concerne ao turismo, acho que meu legado foi criar um sistema de entendimento muito abrangente do conteúdo [...] multi, inter e transdisciplinar do que é o turismo.

Acho que essa foi a maior contribuição, porque os alunos que, de uma certa forma, conseguem ver no SISTUR todo o complexo sistema que é o Turismo; toda a complexidade e, acima de tudo, em que momento elas se encontram e se completam, gerando um novo espaço, uma nova expressão de entendimento.

E eu busquei, estudei muito, porque, como não tenho formação, graduação e turismo, usei muito a questão da inter e da transdisciplinaridade. Cruzei

muito engenharia, direito, fiz o meu mestrado em sociologia, ciências sociais, doutorado. Usei muito essa interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, que você consegue visualizar muito mais [...].

Juarez Velozo: O que o Mário Beni de hoje diria para o Mário Beni no começo da carreira acadêmica lá em 1961?

Beni: [longa pausa] Eu diria, ainda com uma certa resistência, que aquele não era o meu caminho, porque eu estava mais ligado a uma pretensa carreira política, influenciado pelo meu pai, do que realmente uma carreira acadêmica.

Mas, no decorrer dos acontecimentos, de um lado, a empolgação em entrar numa sala de aula. Talvez até pela mesma origem que a política me dava, a satisfação de subir num caminhão e pegar um microfone e falar para um determinado grupo de pessoas, ou ir em um comício.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Geslayne, assistente do Professor Mário Beni, que gentilmente apoiou esta pesquisa e operacionalizou esta ação. Ao próprio Mário, por toda a cordialidade na conversa e na receptividade que teve com o Juarez Velozo. Ao meu orientador Edegar Tomazzoni pelo incentivo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E aos leitores dessa obra, razão de todos os esforços.

Recebido em: 10 abr. 2023

Aceito em: 15 mai. 2023